

fazendo nuvens com docentes e estudantes em meio à pandemia

tatiele mesquita corrêa¹
universidade federal do rio grande do sul, brasil
orcid id: <https://orcid.org/0000-0003-1280-5968>

luciano bedin da costa²
universidade federal do rio grande do sul, brasil
orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-6350-2644>

resumo

O presente ensaio apresenta os resultados de uma dissertação de mestrado defendida no programa de pós-graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Realizada entre os anos de 2020 e 2022, em meio à eclosão da pandemia de Covid-19, a pesquisa acompanhou a realização do projeto de extensão *Carta ao mundo de que vem*, que visou a construção de uma carta coletiva, envolvendo estudantes e docentes de escolas de educação infantil e ensino fundamental do Rio Grande do Sul, Bahia e Portugal. A estratégia de aproximação dos estudantes e instituições se deu de forma remota, sendo a nuvem uma figura importante, a nuvem como repositório digital (armazena-se dados na nuvem) e como habitante do céu (disponível a quem se dispuser a olhar para cima). Este ensaio é situado a partir de duas perguntas: 1) “como pesquisar em tempos de pandemia?”; 2) “como produzir em coletivo com pessoas que não se conhecem?”. Na tentativa de responder a estas questões, busca-se mostrar alguns movimentos cartográficos da pesquisa, resultando em seis pistas anuviadas: 1) o que queremos salvar na nuvem?; 2) qual o sabor de uma nuvem?; 3) o que se passa numa nuvem?; 4) o que você está vendo nesta nuvem?; 5) como era o mundo antes da pandemia?; 6) como foi viver na escola durante a pandemia? Para além das respostas, interessa-nos o potencial de cada uma destas pistas, perguntas que, como nuvens, ainda pairam no ar.

palavras-chave: cartografia; nuvens; pandemia; escola.

creating clouds with teachers and students during the pandemic

abstract

This essay presents the results of a master's dissertation research from the Post-Graduate Program on Social and Institutional Psychology of the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS). Carried out between 2020 and 2022 during the COVID-19 pandemic, the research followed the execution of the extension project *Carta ao mundo que vem* (Letter to the world to come), which aimed to create a collective letter involving students and teachers from pre-schools and elementary schools from Rio Grande do Sul, Bahia and Portugal. The strategy to approach students and institutions was implemented remotely, being clouds an important figure as a digital storage system (where it's possible to store data in clouds) and as an inhabitant of the sky (always there for those who are willing to look up). This essay stems from two questions: 1) “how to research in pandemic times?”; 2) “how to create collectively with people who do not know each other?”. In the attempt to answer these questions, we seek to present some research cartographic movements, resulting in six clouded clues: 1) what do we want to store in the cloud?; 2) what does a cloud taste like?; 3) what happens in a cloud?; 4) what can you see from this cloud?; 5) what was the world

¹ E-mail: mesquitatatielecorrea@gmail.com

² E-mail: bedin.costa@gmail.com

fazendo nuvens com docentes e estudantes em meio à pandemia

like before the pandemic?; 6) what was school like during the pandemic? Beyond the answers, we are interested in the potential of each of these clues and questions that, just like clouds, still hover in the air.

keywords: cartography; clouds; pandemic; school.

haciendo nubes con docentes y estudiantes en medio de la pandemia

resumen

El presente ensayo presenta los resultados de una disertación de maestría defendida en el Programa de Posgrado en Psicología Social e Institucional de la Universidade Federal de Rio Grande do Sul (UFRGS). Realizada entre los años 2020 y 2022 en medio de la eclosión de la pandemia de Covid-19. La investigación acompañó la realización del proyecto de extensión “Carta al mundo que viene”, cuyo objetivo fue la construcción de una carta colectiva, involucrando a estudiantes y profesoras de escuelas de educación infantil y enseñanza primaria de Rio Grande do Sul, Bahia y Portugal. La estrategia de acercamiento de los estudiantes e instituciones se dio de forma remota, siendo la nube una figura importante: la nube como repositorio digital (se almacena datos en la nube) y como habitante del cielo (disponible para quien se disponga a mirar hacia arriba). Este ensayo se sitúa a partir de dos preguntas: 1) “¿Cómo buscar en tiempos de pandemia?” ;2) “¿Cómo crear en un colectivo con personas que no se conocen?”. En el intento de responder a estas preguntas, se busca mostrar algunos movimientos cartográficos de la investigación, resultando en seis pistas *anuviadas*: 1) ¿qué queremos guardar en la nube? 2) ¿Qué sabor tiene una nube? ; 3) ¿Qué ocurre en una nube? ; 4) ¿Qué vemos en esta nube? ; 5) ¿Cómo era el mundo antes de la pandemia? ; 6) ¿Cómo fue vivir en la escuela durante la pandemia?. Más allá de las respuestas, nos interesa el potencial de cada una de estas pistas y preguntas que, como nubes, aún flotan en el aire.

palabras clave: cartografía; nubes; pandemia; escuela



fazendo nuvens com docentes e estudantes em meio à pandemia

Este ensaio diz respeito à pesquisa de mestrado *Fazendo nuvens: cartografia por infâncias e pandemias*, produzida entre os anos de 2020 e 2022 junto ao programa de pós-graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A dissertação mencionada foi coautuante no projeto de extensão *Carta ao Mundo que vem*, que articulou três escolas públicas de educação infantil e ensino fundamental de Porto Alegre, Salvador e Lisboa (Portugal). *Fazendo nuvens* foi uma intervenção brincante proposta a professoras e estudantes destas escolas, sendo as nuvens o nome que demos aos coletivos de professoras e estudantes que se formaram nestas instituições. Cada nuvem foi coordenada por uma ou mais professoras, que se destinavam a pensar e desenvolver propostas com suas respectivas turmas. Os encontros para organização das propostas se deram por meio de videoconferência, a maneira que encontramos para realizar o trabalho em meio a um cenário de restrições e distanciamento social. Ao longo de dois anos – 2020 e 2021 –, construímos uma série de interações entre as nuvens (coletivos), na tentativa de mobilizar as crianças e adultos do Brasil e Portugal, alguns dos resultados serão apresentados na segunda parte deste artigo, por meio do que chamaremos de pistas anuviadas. Apresentaremos seis pistas anuviadas, fragmentos que intentam abrir “clareiras do pensamento” ao leitor (Almeida, 2014, p. 68), convidando-o a “levantar a cabeça” (Barthes, 2004, p. 26) e acompanhar alguns dos nossos movimentos durante a pandemia de Covid-19.

brasil, política do esquecimento

Que o Brasil sofre de esquecimento, disso já sabemos. O fato de ser um país colonizado diz muita coisa, uma vez que memórias ancestrais foram literalmente dizimadas pelos colonizadores que, além de operarem o genocídio dos povos originários, trataram de contar a história a partir de uma única versão, a saber, a sua. Somado ao esquecimento do genocídio primeiro, acumulamos tantos outros esquecimentos que, atuando em rede, fazem com que a história de violências se repita quase que incessantemente. Trata-se do que Missiatto chama de “políticas

coloniais do esquecimento”, um mecanismo que age por meio de “técnicas de erradicação das memórias, embora tenham atualmente roupagens diferentes, ainda conservam os mesmos sentidos: anular o Outro inferiorizado” (2021, p. 258). A lógica do colonizador se estende a diversos outros fios da sociedade, anulando ou pormenorizando acontecimentos em prol daqueles que têm o poder e o direito de contá-los. O silêncio diante da ditadura é um grande exemplo disto, ditadura esta cantada e louvada aos borbotões por uma parcela significativa da sociedade brasileira.

Ainda que se refira a contextos diferentes, podemos incluir a recente experiência diante da pandemia da Covid-19 como outro fio diante de uma mesma trama. Não é raro nos referirmos à pandemia como um tempo passado, como se os quase 800 mil óbitos contabilizados oficialmente nos dissessem algo distante e longínquo, que Nunes (2022) chama de “esfriamento da história”. Contudo, bem sabemos – seja pela cognição ou por manifestações psicossomáticas – que esta experiência traumática persistirá em nós por muitos outros anos, sendo importante produzirmos registros e testemunhos do que se passou, bem como as estratégias de sobrevivência construídas na dimensão do coletivo.

então tinha uma pandemia no meio do caminho

Em março de 2020, quando a pandemia foi reconhecida no território brasileiro, fomos submetidos à imagem apocalíptica do “salve-se quem puder”. Em um brevíssimo espaço de tempo acabamos com estoques de álcool em gel e máscaras, corremos às farmácias para nos empanturrarmos de cloroquina. A *hashtag* #ficaemcasa evidenciou as múltiplas pandemias existentes na pandemia de Covid-19, desde aquela pessoa que teve o privilégio de ficar efetivamente em casa, até aquela cujo distanciamento nunca foi de fato viável e possível. Foi em meio a este cenário que nossa pesquisa de mestrado se deu, um mestrado cuja matrícula era presencial, mas que foi todo realizado de forma remota. Pessoas eram enterradas diariamente, sem despedidas, em valas coletivas... o colapso no sistema de saúde foi se efetuado paulatinamente e os “fantasmas da relevância” (Mattiello, 2022, p. 8), que já assombravam o fazer acadêmico, foram se atualizando com sucesso: quem



se importa com as produções acadêmicas que não visam a criação de uma vacina ou tratamento ao novo coronavírus? Neste triste cenário, tramado na espera de que nunca faltasse o ar, somado ao medo do contexto político brasileiro, buscamos construir estratégias epistemológicas de sobrevivência, algo que pudesse responder minimamente aos afetos que nos atravessavam como um todo.

Não tínhamos literatura narrada para o que estávamos vivendo, tampouco sobre como fazer uma pesquisa naquelas condições. As pesquisas do tipo intervenção se mostravam inicialmente inviáveis, uma vez que estava impossibilitada a produção e interação presencial no/com campo. Este foi o caso da nossa pesquisa, que tinha a intenção de trabalhar com professoras e estudantes de escolas públicas. Deparamo-nos, então, com duas perguntas que se tornaram moventes ao longo de todo o processo investigativo: 1) “Como pesquisar em tempos de pandemia?”; 2) “Como produzir em coletivo com pessoas que não se conhecem?”. Na tentativa de encontrar uma estratégia de pesquisa que nos permitisse “tateios metodológicos” (Moura; Zucchetti, 2015, p. 294), chegamos enfim à cartografia.

cartografando e fazendo chover

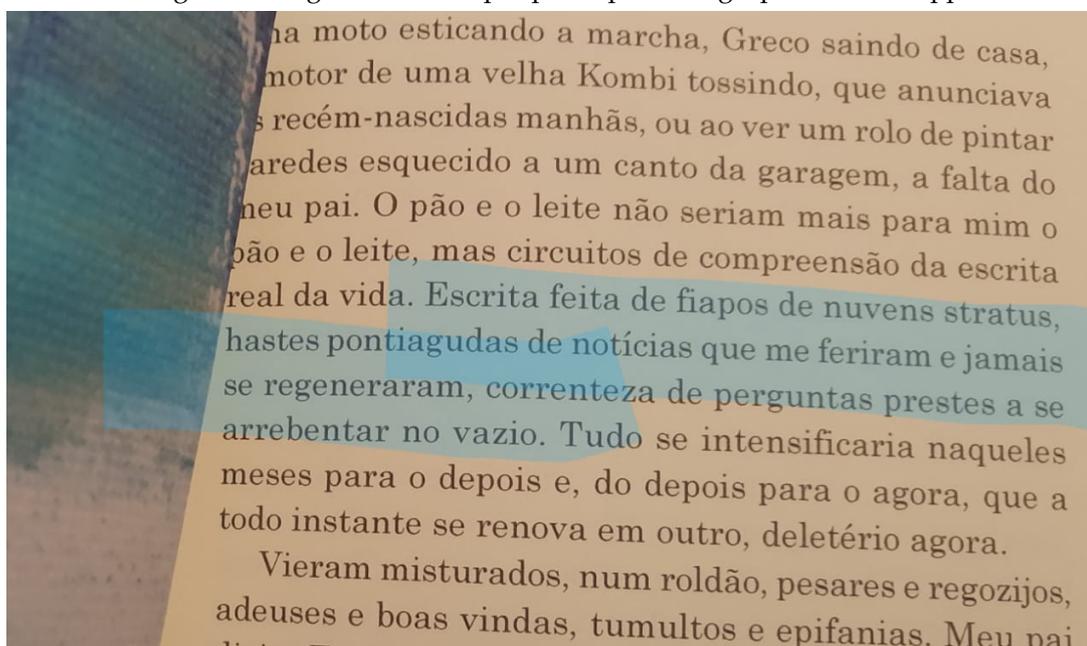
A cartografia é uma palavra familiar, afinal de contas a gente já escutou e pensou a cartografia na escola. Logo, no imediatismo possível, a palavra cartografia pode nos convidar aos mapas de existências tangíveis, com precisão que aponta o azimute de um terreno. Sem falar nos detalhes topográficos possíveis com uso de equipamentos como teodolitos, estação total, nível e régua altimétricas, tripés, trenas e fórmulas com muitos números em graus, minutos, massa, vazão, latitude, pressão, metros, volume e temperatura. Todavia, uma cartografia de paisagens psicossociais nos oferece mais perguntas do que certezas. Quando pensamos a cartografia por um viés filosófico, chegamos aos filósofos Deleuze e Guattari (2011), que nos mostram que cartografar é acompanhar processos, um movimento que envolve o traçado de mapas sutis e mutantes. Cartografias comportam desenhos e possuem linhas molares, moleculares e de fuga (Costa; Amorim, 2019), camadas e contornos em escalas no (e com) o sensível. Tais linhas apontam para movimentos

fazendo nuvens com docentes e estudantes em meio à pandemia

distintos, ainda que potencialmente concomitantes. Trata-se de micro e macro movimentos, construindo e desmanchando os territórios com os quais pretende-se pesquisar.

Falamos do traçado de mapas intangíveis, de uma cartografia aberta, criadora e atenta às intensidades de toda e qualquer coordenada que busque expressão, uma cartografia que se proponha experimental (Rolnik, 2016). Nesse sentido, “a cartografia parece mais uma ética (e uma política) do que uma metodologia de pesquisa” (Costa, 2020). À vista disso, pesquisar em tempos de pandemia envolveu um exercício cartográfico de descobrir meios de pesquisar no próprio percurso. Pensar e vivenciar a cartografia foi como imaginar a jornada de humanos à Indonésia, há 45 mil anos atrás, “que viviam na savana africana, se tornaram marinheiros do Pacífico sem o desenvolvimento de nadadeiras e sem ter de esperar que seu nariz migrasse para o alto da cabeça como fizeram as baleias”, como registra o historiador Yuval Noah Harari (2019, p. 74). Pesquisar em tempos de pandemia foi um cartografar por entre telas num estar-junto separados, na possibilidade de habitar o comum mesmo estando a centenas e milhares de quilômetros, distância que somente os aviões, navios, pássaros e nuvens são capazes de percorrer.

Imagem 1: fotografia enviada por participante no grupo de WhatsApp



Fonte: Banco de dados dos pesquisadores (jan. 2022).



Sendo a cartografia “uma pesquisa de campo que requer a habitação de um território antes desconhecido pelo pesquisador, mas que se inclui, de forma problemática, na pesquisa” (Borges, 2016, p.102), restava-nos perguntar qual seria então o território de nossa pesquisa. Se não tínhamos como estar nas escolas de corpo presente, passamos a olhar a virtualidade como um território possível, ainda que limitador. Juntamo-nos ao projeto de extensão *Carta ao mundo de que vem*, desenvolvido por alguns integrantes de nosso grupo de pesquisa, e que já articulava uma rede junto a diretoras e professores de três escolas, localizadas em Porto Alegre, Salvador e Lisboa, respectivamente. Tal prática extensionista intentava fomentar interações entre estudantes destas instituições, tendo em vista suas experiências de afastamento das escolas no primeiro ano pandêmico. Uma vez que se tratava de um projeto já em andamento, e acreditando na indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão, tratamos de participar das ações realizadas, passando a compor o campo problemático da pesquisa. O que crianças e professoras poderiam nos dizer acerca da experiência de fechamento das escolas? O que imaginavam para a escola e educação após tal experiência traumática? Estas foram questões que nos acompanharam ao longo da pesquisa, e que foram trabalhadas com os coletivos-nuvens das escolas envolvidas.

Entre 2020 e 2022 nos aventuramos no território incerto das plataformas virtuais, tateando meios possíveis de interação. Nesse período, acompanhamos o drama das diretoras e professoras em manter o vínculo com seus estudantes e famílias, uma vez que grande parte destas se via digitalmente excluída por razões bastante materiais, que ia desde a falta de conexão de internet até a impossibilidade de estudo nos seus ambientes domésticos. Acompanhamos também a retomada lenta e intermitente das aulas presenciais, as angústias de crianças e adultos acerca do que iriam encontrar após tanto tempo afastadas.

A estratégia que encontramos foi fortalecer o vínculo com as professoras que já participavam da extensão, por meio de encontros virtuais e semanais que, no início, duravam manhãs inteiras. Nestes encontros discutíamos a situação de cada instituição, bem como partilhávamos anseios, temores e frustrações. Estes encontros foram bem importantes para tentarmos encontrar possíveis respostas à pergunta

formulada inicialmente neste ensaio: “Como pesquisar em tempos de pandemia?”. A resposta que mais se adequou ao que vivíamos foi: viver e pesquisar junto. Nossa cartografia passou a ser a cartografia traçada por um grupo que envolvia nós, pesquisadores, como também as diretoras e docentes das escolas participantes. Junto a nós foram se juntando mais outras professoras, pessoas que não se conheceriam se não fossem os encontros virtuais.

Chegamos, então, à segunda pergunta enunciada por este ensaio: “Como produzir em coletivo com pessoas que não se conhecem?”. Para lidar com este problema, organizamos o grande grupo em pequenos grupos a que chamamos de nuvem. Cada nuvem era formada por uma ou mais professoras de uma mesma instituição, nuvem que teria como missão agregar estudantes interessados, que iam da educação infantil aos anos finais do ensino fundamental. Ao todo constituímos sete nuvens, que passaram a interagir entre si e com as demais nuvens, num jogo que envolvia a realização de determinadas propostas, com uma posterior troca com nuvens vizinhas e distantes. O verbo que marcava tais trocas era o *fazer chover*: uma vez produzido algo em uma nuvem, restaria a esta fazer chover tais produções, movimento que exigia um fazer chover por parte do outro coletivo, e assim adiante.

notas anuviadas

Por meio deste fazer chover, crianças, jovens e adultos experimentaram modos de sublimação e compartilhamento de seus medos e anseios, testemunhos que se fizeram a partir de diversas linguagens. Nossa cartografia das nuvens percorreu um território híbrido, marcado por vídeos caseiros, desenhos e escrita de cartas, produções que nos serviram de “arquivos moventes” (Silva; Lazzarotto, 2016, p. 131) para a escrita de nossa dissertação de mestrado. Chamamos de *notas anuviadas* as provocações, *insights* e perguntas que tais arquivos nos geravam, fazendo pensar não somente questões voltadas à pandemia e educação, como também à pesquisa propriamente dita. Traremos, abaixo, seis pistas anuviadas, já excluindo expectativas de que possam esclarecer ou “explicar o inexplicável, cobrir a angústia que o desconhecido provoca” (Schneider, 2014, p. 1).



nota anuviada 1: o que queremos salvar na nuvem?

“Como se pisa numa nuvem?”, pergunta-nos uma pesquisadora do grupo de pesquisa intitulada “Corredora em nuvens”, pergunta de quem aposta nas nuvens como “política da imaginação” (Ventre, 2018 p. 39). E se é importante, salva na nuvem!

[53'42"] *Corredora em nuvens:*

– **Temos um tempinho que se reduz e a palavra que se estica.**

[...]

[54'14"] *Corredora em nuvens:*

– **Oi, Tati!**

[54'16"] *Admiradora de estranhezas presentes:*

– **Oi, gente! [...]**

[54'29"] *Corredora em nuvens:*

– **A palavra está contigo. O que tu queres salvar?**

[54'55"] *Admiradora de estranhezas presentes:*

– [...] **quero salvar a capacidade de brincar e narrar [...]** (NuTAL UFRGS, 2021).

nota anuviada 2: qual o sabor de uma nuvem?

As manifestações sintomáticas da Covid-19 incluem perda de sentidos: de olfato e paladar, por vezes, são drasticamente afetados. Há relatos de pessoas positivadas com Covid-19 terem passado meses sem sentir o gosto de determinados alimentos, na medida em que os cheiros iam retornando pouco a pouco. Roland Barthes (2013, p. 22) lembra-nos que, em latim, “saber” e “sabor” têm a mesma etimologia: “as palavras têm sabor”. Qual o saber da infância? Qual o sabor da nuvem?

– O que são as nuvens?

– As nuvens são coisas de comer.

– De comer?

– Sim, as pessoas não dizem que as nuvens são feitas de algodão doce?

– Mas quem come as nuvens?

– Os mortos.

– Os mortos?

– Sim, quando as pessoas morrem elas viram estrelas. Elas ficam lá à noite e, quando amanhece, precisam tomar café da manhã e daí comem as nuvens.

(Diálogo compartilhado por um professor, participante do projeto, com sua filha de 7 anos no caminho para a escola em 2021)

fazendo nuvens com docentes e estudantes em meio à pandemia

nota anuviada 3: o que passa numa nuvem?

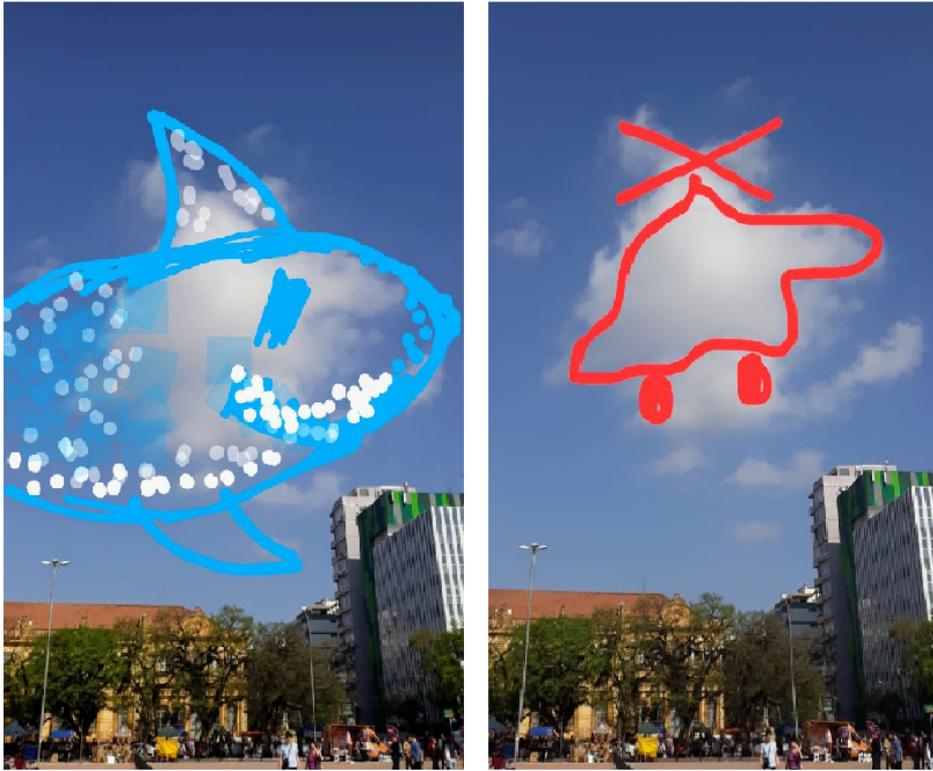
Cláudia
Leva uma hora observando a forma das nuvens
E viu passar dois elefantes,
três pássaros
e uma salamandra.
Pergunta-se se mais alguém as está observando
por alguma janela.
Se outra menina como ela
viu passar o desfile dos animais brancos.
(Ferrada; Valdez, 2020, p. 56)

nota anuviada 4: o que você está vendo nesta nuvem?

Uma das propostas do projeto – e que foi se consolidando de modo informal, por meio de mensagens no grupo do *WhatsApp* – foi a de enviar fotos de nuvens, uma espécie de “bom dia” ou “boa tarde”. Ao longo do tempo chegaram muitas fotos, provocadas pela pergunta: “O que você está vendo?”. Esta pergunta, aliás, é muito significativa, uma vez que é sempre possível se ver algo, apesar de muitas vezes o horizonte parecer restrito, chapado, sem perspectiva ou mesmo cor.

Imagem 2: Fotos produzidas por participantes do projeto

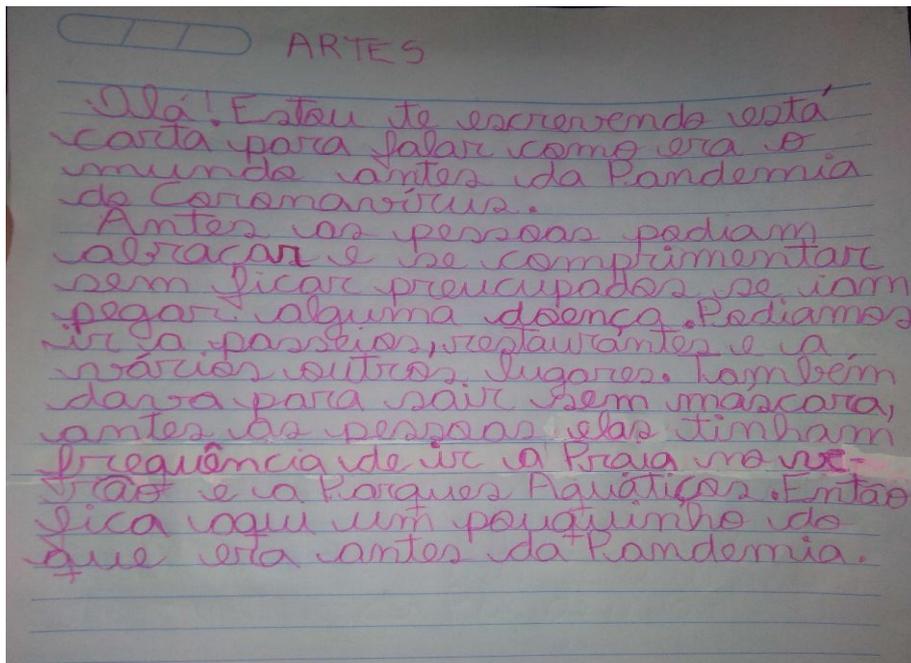




Fonte: Banco de dados dos pesquisadores (set. 2021).

nota anuviada 5: como era o mundo antes da pandemia?

Imagem 3: Carta produzida por estudante de 9 anos

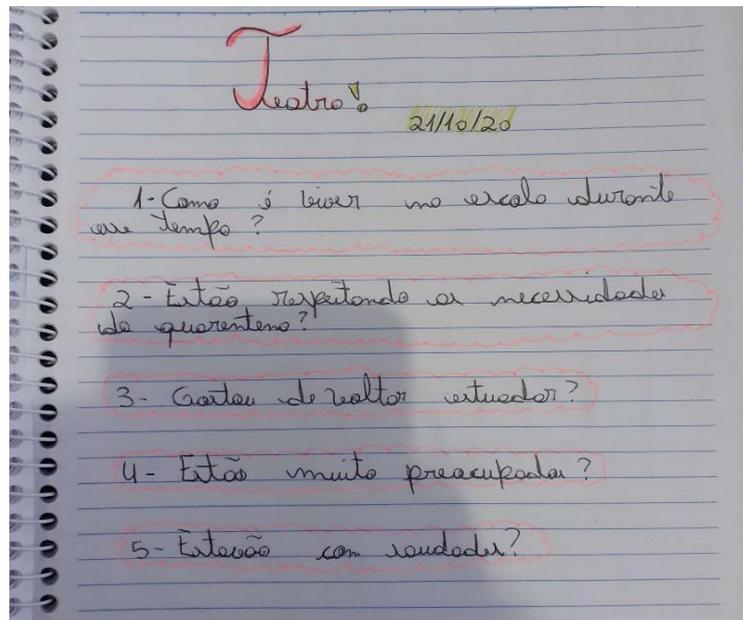


Fonte: Banco de dados dos pesquisadores (2020).

fazendo nuvens com docentes e estudantes em meio à pandemia

nota anuviada 6: Como foi viver na escola durante a pandemia?

Imagem 4: Perguntas de uma estudante brasileira a uma estudante portuguesa



Fonte: Banco de dados dos pesquisadores (2020).

conclusão

Nuvens nos encantam, pois, mesmo estando distantes e serem absurdamente pesadas, estão sempre em deslocamento. Aliás, a palavra “deslocamento” foi algo muito significativo nos tempos pandêmicos, uma vez que, mesmo com as escolas fechadas, tivemos todos – estudantes e docentes – que nos deslocamos abruptamente dos nossos modos escolares habituais. E o que fazer com isso que ficou? Inventamos estratégias de viver-junto, de compartilhar anseios, medos e angústias, bem como intentos e intenções. Construimos nuvens para que pudéssemos cutucar pulsões de vida em meio a tantas mortes. Como escreveu uma docente participante do projeto, “levaremos nossos desejos em companhia das nuvens!”. Se os tempos pandêmicos foram obscuros demais, há de se ouvir as palavras de uma estudante do projeto: “Sempre haverá uma luz atrás das nuvens”. Esta talvez tenha sido nossa grande aprendizagem ao fazermos e apostarmos nas nuvens.

referências

ALMEIDA, Rogério M. Prazer, desprazer e gozo nos escritos do último período de Nietzsche. *Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência*, v. 7, 2014. Disponível



em:

https://web.archive.org/web/20180410133940id_/http://tragica.org/artigos/v7n3/almeida.pdf. Acesso em: 18 abr. 2024.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Tradução: Mario Laranjeira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 96 p.

BARTHES, Roland. *Aula*. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 2013. 107 p.

BORGES, Túlio M. A pesquisa como habitação de territórios existenciais: contribuições do método da cartografia. *Psicologia da Educação*, São Paulo, n. 43, p. 101-104, 2016. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/psie/n43/2175-3520-psie-43-00101.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2024.

COSTA, Luciano B. A cartografia parece ser mais uma ética (e uma política) do que uma metodologia de pesquisa. *Paralelo 31*, v. 2, n. 15, p. 10-35, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/paralelo/article/view/20997>. Acesso em: 13 fev. 2024.

COSTA, Luciano B.; AMORIM, Alexandre S. L. Uma Introdução à Teoria das Linhas para a Cartografia. *Atos de Pesquisa em Educação*, v. 14, n. 3, p. 912-933, 2019. Disponível em: <https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/8045>. Acesso em: 7 fev. 2024.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*. Tradução: Ana L. de Oliveira, Aurélio G. Neto e Célia P. Costa. 2 ed. São Paulo: Editora 34. 2011. 127 p.

FERRADA, María José; VALDEZ, María Elena. *Crianças*. Tradução: Carla Branco. Rio de Janeiro: Pallas Míni, 2020. 75 p.

HARARI, Yuval Noah. *Sapiens: uma breve história da humanidade*. Tradução: Janaína Marcoantonio. 44. ed. Porto Alegre: L&PM. 2019. 459 p.

MATTIELLO, Cássio. *Ritornelos da clínica musicada: paradoxos entre trabalho, pesquisa e música em tempos pandêmicos*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2022, 131 p. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/251987>. Acesso em: 18 abr. 2024.

MISSIATTO, Leandro A. Memoricídio das populações negras no Brasil: atuação das políticas coloniais do esquecimento. *Revista Memória em Rede*, Pelotas, v. 13, n. 24, p. 252-273, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/Memoria/article/view/20210/12575>. Acesso em: 18 abr. 2024.

MOURA, Eliana P. G.; ZUCCHETTI, Dinora T. A Indissociabilidade na Universidade. Fragmentos de uma experiência. *Rev. Elet. Educ.*, São Carlos, v. 9, n. 1, p. 287-300, maio 2015. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-71992015000100287&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 18 abr. 2024.

NUNES, Eduardo Soares. A Cultura dos Mitos: do Regime de Historicidade Karajá e sua potência 'fria.' *Revista de Antropologia*, v. 65, n. 1, p. 1-26, 2022. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/48664040>. Acesso em: 28 maio 2024.

NuTAL, UFRGS. LIVE - Lançamento do Livro "quero salvar tudo que puder, me salvar e salvar você" do Nota Azul. Youtube. 25 set de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A2DZqGIYQ7c>. Acesso em: 9 mar. 2024.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2016.

SCHNEIDER, Ana Paula. Mitos e máscaras na escola: pensando sobre o desejo. *Revista Pretextos*, n. 5, 2014. Disponível em:

https://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/montecristo/projetos/revistapretextos/Mitos_e_Mascaras_Ana_Paula.pdf. Acesso em: 18 abr. 2024.

SILVA, Paula M.; LAZZAROTTO, Gislei D. R.; AXT, Margarete. Modos de aprender, oficinas e inventar na experiência com a infância. *Série-Estudos*, Campo Grande. v. 21, n. 43, p. 127-142, 2016. Disponível em:

http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2318-19822016000300127&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 18 abr. 2024.

VENTRE, Anna Letícia. *Gesto, memória, rastro: anotações para pensar uma ética da delicadeza*. Dissertação (Mestrado em Psicanálise: clínica e cultura). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2018, 174p. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/181322>. Acesso em: 18 abr. 2024.

recebido em: 23.04.2024

aprovado em: 05.06.2024